

# **APLICAÇÃO DO MÉTODO SUZUKI PARA O APRENDIZADO DE VIOLINO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

**Saulo Martins Sales<sup>1</sup>**

**Claudiméia do Rosário Almeida<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>FAMES – Faculdade de Música do Espírito Santo - e-mail: saulo\_smsviolino@hotmail.com

<sup>2</sup>FAMES – Faculdade de Música do Espírito Santo - e-mail: claudimeia@gmail.com

## **Resumo**

Este trabalho faz um apanhado teórico sobre os limites e possibilidades do Método Suzuki para o ensino de violino às pessoas com deficiência visual. O mesmo é parte de uma pesquisa mais ampla, que está em fase de construção.

**Palavras-chave:** Deficiência visual. Educação inclusiva. Método Suzuki. Musicografia Braille. Violino.

## **1. Introdução**

A experiência musical no processo formativo escolar se apresenta como importante ferramenta de inclusão, sendo um recurso transmissor de diversidades "práticas" do homem através da condução sonora. Além disso, ela é de grande importância no processo de desenvolvimento e humanização dos indivíduos (SILVA,2012).

Diante desta importância, em 2008 foi aprovada a lei 11.769 que, estabelece a música como conteúdo obrigatório no currículo escolar, porém, não exclusivo do ensino da Arte na Educação Básica, fortalecendo assim o ensino de música e abrindo múltiplas possibilidades para a área (BRASIL, 2007).

Com base na pesquisa sobre o método Suzuki, este trabalho apresenta como proposta principal verificar os limites e possibilidades de sua aplicação para alunos com deficiência visual, verificando também a importância da música como ferramenta da educação inclusiva.

Tendo em vista os limites de um trabalho que está em fase de construção, focaremos apenas no levantamento bibliográfico sobre o tema. Porém, destacamos que a abrangência desta pesquisa é muito mais ampla, já que propomos como Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura em Música, realizar um estudo de caso na Escola de Teatro e Dança - FAFI (Vitória/ES) com a finalidade de verificar como o método Suzuki tem sido trabalhado na prática.

## **2. A música como ferramenta de inclusão na escola**

Uma aprendizagem que envolve o ensino de música a um deficiente visual, já que este é o foco desta pesquisa, requererá um professor disposto a aprender, ser criativo e que opte por inovar, pois, infelizmente, a priori a Educação Musical é voltada para os alunos considerados normais, ou seja, aqueles que não apresentam qualquer tipo de deficiência. Este fato ocasiona uma fraca estrutura, tanto pela falta de profissionais capacitados, como também, na carência de materiais didáticos para o trabalho dessas pessoas. Neste sentido, é preciso um envolvimento total por parte do educador para o atendimento das necessidades do deficiente visual. Para tanto, o professor deverá conhecer a leitura e escrita que inclui esta vivência, chamada Braille, para melhor orientar e prover métodos para o seu ensino.

Desde que foi criado o código Braille, por Louis Braille em 1825 na França, a

fim de permitir aos deficientes visuais aprender a ler e a escrever, este passa a ser um importante meio de inclusão social para estas pessoas, o que mais tarde irá contribuir para o acesso à música no ambiente escolar através de partituras em Braille (BATISTA, 2011).

Com base no Sistema Braille, Louis Braille criou a Musicografia Braille que consiste numa grafia adotada para que deficientes visuais pudessem ler e escrever partituras musicais (BONILHA; CARRASCO, 2008).

Segundo Bonilha e Carrasco (2008) houve várias convenções internacionais com o intuito de consolidar e unificar a Musicografia Braille. Porém, somente em 1997, com a criação do "Novo Manual Internacional de Musicografia Braille", que foi possível à sistematização deste sistema de escrita (GIESTEIRA, 2007). A mais atual publicação do "Novo Manual Internacional de Musicografia Braille" no Brasil é de 2004, criado pelo Subcomitê sobre Musicografia Braille da União Mundial de Cegos (UMC).

Segundo Louro (2003) a partitura em Braille, para ser produzida, necessita de um papel especial com largura e espessura maior que o convencional e utiliza-se uma quantidade maior de páginas devido à grande quantidade de sinais e a impossibilidade de se escrever harmonicamente. Isso faz com que o custo da produção de partitura em Braille seja maior, dificultando os estudos de música no Brasil e, justificando a falta de material musical nessa linguagem.

A musicografia em Braille consegue demonstrar a maioria dos símbolos musicais como indicações das notas, ritmo, acordes, articulações, dinâmicas, entre outros, com a proposta de tornar a partitura em Braille o mais próximo possível da partitura em tinta (TUDISSAKI; LIMA, 2012). Porém, de acordo com Bonilha (2006), apesar dos caracteres, a leitura e escrita musicográfica em Braille é realizada horizontalmente, enquanto a correspondente em tinta pode ser realizada em ambos os sentidos.

O conhecimento da notação musical em Braille é um importante instrumento de educação inclusiva para pessoas com deficiência visual, já que o aluno ao conhecer a partitura, pode-se tocar a música sem, necessariamente, ter tido um contato prévio com esta.

Para isso, é necessário que os professores conheçam a Musicografia em Braille, pois assim poderão desenvolver trabalhos musicais com alunos com deficiência visual, dando assim, recursos e suporte necessários para o aprendizado desses alunos (BONILHA, 2006).

As atividades musicais realizadas na escola não visam à formação de músicos, e sim, através da vivência e compreensão da linguagem musical, propiciar a abertura de canais sensoriais, facilitando a expressão de emoções, ampliando a cultura geral e contribuindo para a formação integral do ser.

### **3. Método Suzuki**

O ensino da música para pessoas com deficiência, apesar de ser considerado como algo relativamente novo, não pode ser entendido como uma regra para todos os tipos de deficiência e/ou instrumentos. No caso do aprendizado de violino, por exemplo, que é o foco desta pesquisa, o método Suzuki se tornou referência para pessoas com deficiência visual, se tornando conhecido a partir do violinista e pedagogo Shinichi Suzuki, nascido em Nagoya, Japão, no dia 17 de outubro de 1898, quando aos 33 anos se deparou com um desafio de ensinar uma criança de 4 anos a tocar violino (BOHN, 2008).

O Método Suzuki consiste em uma coletânea de dez volumes e cada um destes volumes apresenta partituras musicais que vão aumentando o grau de complexidade gradativamente. Ele foi difundido por diversos países da Europa, Ásia e das Américas nos anos de 1960. Chegou ao Brasil em 1974 em Santa Maria, Rio Grande do Sul, e hoje é um dos métodos mais utilizados para o ensino de violino para crianças com deficiência visual (BOHN, 2008).

De acordo com o próprio Suzuki (1994), o método se baseia na compreensão do processo de aprendizagem das crianças. Este método é formado por quatro processos, são eles respectivamente: observar, escutar, familiarizar e repetir. Apenas após passar por todos eles a criança será capaz de dominar o instrumento. Após a aquisição da habilidade necessária sobre o instrumento é que começa a ser introduzida a teoria musical, de forma criativa e adequada à maturidade de cada criança (BOHN, 2008).

Segundo Suzuki (1994) é fundamental que se realize o treinamento da memória, pois é de suma importância para que o estudante decore a música sem precisar consultar as partituras. Como disse Bohn (2008, p. 26) "a peça só estará realmente pronta quando o aluno souber de cor".

Em seus relatos, Suzuki comenta sobre a experiência de ensinar um aluno cego de 5 anos a tocar violino. Para facilitar seu trabalho, o músico apagou a luz de

seu quarto e em total escuridão começou a tocar o violino, após algumas canções, ele notou que não era preciso enxergar para tocar o instrumento com perfeição (BOHN, 2008).

A primeira e principal preocupação em relação ao ensino de violino foi o reconhecimento do instrumento e a postura do aluno. Para isto Suzuki tentou tornar o arco visível ao estudante através do tato, posteriormente o professor ensinou o aluno a segurá-lo e depois os movimentos básicos (para cima e para baixo, direita e esquerda). Após os movimentos básicos, foi necessário tornar a ponta do arco visível, a fim de o aluno saber o real tamanho deste. Só então Suzuki começou a ensinar a prática do violino. A teoria musical é introduzida após o domínio do estudante sobre o instrumento, ela será dada através da Musicografia em Braille (SUZUKI, 1994).

Segundo Bohn (2008), para serem obtidos bons resultados no ensino de violino para deficientes visuais é indispensável o bom planejamento pedagógico e um ambiente motivador, sendo estes aspectos observados no Método Suzuki.

Como toda criança, os deficientes visuais também aprendem a linguagem materna sem dificuldade, através de observações e repetições. Foi pensando nisso que o método mais adequado para o ensino de violino é o Suzuki, visto que o mesmo foi construído com base neste tipo de linguagem.

Para que o estudante tenha domínio do material e do instrumento, é necessário que o professor realize algumas modificações em ambos, para que o aluno possa aprender a tocar com mais facilidade (HAGEDORN, 2002).

A presença e participação dos pais na aprendizagem do deficiente são praticamente indispensáveis, sendo essencial durante as aulas individuais e mais importantes ainda na prática diária em casa, onde o professor não pode fazer ajustes, principalmente na postura do estudante. Segundo Suzuki, também é muito importante que os pais incentivem seus filhos a escutarem CD de músicas já passadas em aula e de músicas eruditas (BOHN, 2008).

Para proporcionar ou melhorar as habilidades funcionais das pessoas com deficiência visual e conseqüentemente promover vida independente e inclusão, foram desenvolvidos sistemas, equipamentos, instrumentos ou objetos modificados ou feitos artesanalmente, isto é chamado de Tecnologia Assistiva (BOHN, 2008).

As adaptações necessárias no violino são de início, a utilização de quatro fitas adesivas em alto relevo no braço do violino e a utilização de suporte para arcos

encaixado nas bordas do violino. As fitas auxiliam o aluno, a saber, o local correto para colocar os dedos, passando a conhecer e encontrar a afinação correta do instrumento. O suporte tem como objetivo impedir que o arco escorregue para a região do espelho e cavalete, limitando o espaço a ser tocado (BOHN, 2008).

Estas adaptações no violino são necessárias para que o aluno com deficiência visual tenha uma maior facilidade no manuseio deste instrumento durante o aprendizado. Para isso, é necessário que o professor tenha conhecimento da Tecnologia Assistiva e que saiba utilizá-la. A Tecnologia Assistiva aliada a um método pedagógico adequado é imprescindível para um ensino de violino de qualidade.

### **3. Conclusão**

O ensino de música é de fundamental importância, tanto para a inclusão, quanto para o melhor desenvolvimento dos sentidos das pessoas com deficiência visual. Porém, para se alcançar um ensino de qualidade é essencial que haja profissionais qualificados, que tenham conhecimento sobre o melhor método pedagógico a ser aplicado de acordo com a necessidade de cada aluno.

Com o levantamento bibliográfico realizado até o momento, observa-se que o sucesso do método Suzuki para alunos cegos depende de uma série de fatores que está relacionado com o conhecimento da técnica por parte do professor, como também, de um esforço coletivo, que convoca a família e a escola fazer parte deste processo.

A participação efetiva dos pais nas atividades propostas; a disciplina por parte do aluno em executar as tarefas fora do ambiente escolar; além da necessidade das escolas estarem melhor preparadas para atender este público, são alguns desafios que se apresentam no ensino de violino para pessoas com deficiência visual. Neste sentido, vale salientar a necessidade de maiores investimentos para que de fato possamos pensar numa educação inclusiva.

### **5. Referências**

BATISTA, R. D. A importância do Método Braille para a educação na ótica de adultos. In: MOSTRA ACADÊMICA UNIMEP – CONGRESSO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 9., 2011, Piracicaba. *A importância do Método Braille para a educação na ótica de adultos.*

Piracicaba: Anais eletrônicos, 2011. 1-4.

BOHN, D. F. *O ensino de violino voltado para deficientes visuais integrando o Método Suzuki e a Musicografia Braille*. Florianópolis, 2008. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Música – opção violino). Universidade do Estado de Santa Catarina.

BONILHA, F. F. G. *Leitura musical na ponta dos dedos: Caminhos e desafios do ensino de musicografia Braille na perspectiva de alunos e professores*. Campinas, 2006. 226 f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual de Campinas.

\_\_\_\_\_; CARRASCO, C. R. O papel da biblioteca como espaço de disseminação da Musicografia Braille: Uso de ferramentas tecnológicas na produção de partituras para cegos. *Revista ABC: Biblioteconomia*, Santa Catarina, v. 13, n. 1, 18-25, data.

GIESTEIRA, A. C. Uma proposta de ensino do violão básico para deficientes visuais. In: SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 13., 2007, Londrina. *Uma proposta de ensino do violão básico para deficientes visuais*. Londrina: Anais eletrônicos, 2011. 151-153.

HAGEDORN, V. S. Accommodations for special needs students: What we can do. *General Music Today*, Arizona, v. 15, n. 3, p. 20-22, 2002.

LOURO, V. dos S. *A pessoa com deficiência visual total e a prática da regência*. São Paulo, 2003. 18f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual Paulista.

SILVA, A. N. De C. O ensino de música no contexto da educação básica. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 2., 2012, Rio de Janeiro. *O ensino de música no contexto da educação básica*. Rio Janeiro: Anais eletrônicos, 2012. 269-278.

SUZUKI, S. *Educação é Amor: Um novo método de educação*. 2 ed. Rio Grande do Sul: Palloti, 1994.

TUDISSAKI, S. E.; LIMA, S. R. A. de. A Musicografia Braille como recurso pedagógico para a aprendizagem musical de deficientes visuais. In: IV SEMANA DE EDUCAÇÃO MUSICAL IA-UNESP / ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ABEM. 8., 2012, São Paulo. *A Musicografia Braille como recurso pedagógico para a aprendizagem musical de deficientes visuais*. São Paulo: Anais eletrônicos, 2012. 949-960.